

PROGRAMA

- Catarina Pinto (1º) PARAÍSO PERDIDO
Intérprete: Sofia Rego (Flauta).
- Rui Barrocas (1º) A LIBERDADE CONFISCADA
Intérprete: Ana Pereira (Violino).
- Joana Martins (1º) ÚLTIMO INSTANTE
Intérprete: Isabel Pereira (Oboé).
- Tiago Lima (1º) AREIA NEGRA
Intérprete: Tina van den Geest (Saxofone Alto).
- Mariana Pais (2º) DERRADEIRA EPÍSTOLA
-4 Variações sobre o D. Giovanni de Mozart
Intérpretes: Ana Pereira (Violino), Sónia Correia
(Violino), Eva Neiva (Violeta), Estefânia Fernandes
(Violoncelo) e Jaime Alvarez (Contrabaixo).
- André Silva (2º) AMOR SUICIDA
Intérpretes: Tina van den Geest (Saxofone Alto), Romeu Costa
(Saxofone Barítono) e Edixon Silva (Trombone).
- Frederico Silva (2º) REVOLTA DO SILÊNCIO
Intérpretes: Ana Pereira (Violino), Eva Neiva
(Violeta), Nuno Cruz (Violoncelo).
- Teresa Fão (2º) CONTRAPONTO ILEGAL
3. Pecado
Intérpretes: Sofia Rego (Flauta), Paulo Barbosa (Clarinete), Estefânia
Fernandes (Violoncelo) e Jaime Alvarez (Contrabaixo).
- Fernanda Cunha (3º) VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE MOZART
-Tema e 6 Variações
Intérpretes: Sofia Rego (Flauta), Isabel Pereira (Oboé),
Paulo Barbosa (Clarinete) e Ilda Meira (Fagote).
- Nelson Fernandes (3º) O JORNAL DO DIA
-Apresentação e 5 secções
Nota: Estreia adiada
- Rudesindo Soutelo O ANEL DE GIGES
3. Diabólico
Intérprete: Gaspar Lima (Clarinete).

A disciplina de Análise e Técnicas de Composição (ATC) é, para alguns, o martirólogo dos estudantes de música. Numa sociedade que reduziu a cultura e as artes a um intranscendente lazer passivo e adormecedor, confrontar-se com o raciocínio lógico da criação musical é, no mínimo, perturbador.

No nível básico, os professores de instrumento podem e devem explicar os rudimentos de linguagem musical suficientes para que os alunos consigam compreender e interpretar a coerência da partitura. Mas nessas idades, as habilidades imitativas são muito melhores do que as intelectivas pelo que, se têm bons modelos, é possível conseguir excelentes resultados sonoros sem precisar de entender o que expressam. Obviamente, quando passam ao secundário, a simples imitação já não é suficiente para superar os desafios da interpretação e é necessário desenvolver neles o pensamento complexo que os capacite intelectualmente e os prepare para o acesso ao ensino superior da música. O ideal seria que começassem a lidar progressivamente com a complexidade desde os primeiros graus do nível básico, pois, segundo afirma Edgar Morin, “apenas o pensamento complexo nos permitirá civilizar o nosso conhecimento”.

Jean-François Lyotard –em *Discours, figure*– constata que a linguagem não é um meio homogêneo e cada palavra está habitada por um duplo movimento: significado e sentido. O ‘significado’ é convencional, declarativo, textual. O ‘sentido’ varia de um sujeito para outro, de uma circunstância para outra, e a isto chama de ‘figural’ por oposição a ‘textual’. Daí infere que nas artes visuais, a figura-forma mostra o exterior (figuração) enquanto a figura-imagem exprime o sensível (figural). Se trasladarmos essa oposição, figuração-figural, para a arte musical, a coerência discursiva seria o som-forma e o sentido –o figural– é o som-sensação. Gilles Deleuze –em *Francis Bacon, Lógica da sensação*– conclui que “foi necessário o extraordinário trabalho da pintura abstrata para arrancar a arte moderna à figuração” em direção à forma abstrata ou em direção à figura, já desligada da figuração. Na música erudita ocidental, esse trabalho foi realizado pela atonalidade e tanto a forma como a sensação alcançaram dimensões radicalmente novas.

Essa dualidade, ou princípio de contradição, está na base da complexidade que devemos inculcar nos alunos. A complexidade da composição musical não é só uma questão quantitativa, do elevado número de interações

que se ativam num processo criativo. A complexidade da composição musical é o que Edgar Morin define como “a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados”. Lidar com essa incerteza abre a possibilidade de um conhecimento mais rico, ainda que menos seguro, e a imaginação, a proliferação de ideias, a fantasia, a iluminação, as hipóteses, a invenção ou as descobertas vão libertar nos alunos a criação-ação.

A ação é estratégia. A estratégia recolhe informação para agir nos imprevistos e tira partido do acaso aproveitando os erros. A ação obriga a tomar consciência da incerteza, das mudanças de rumo, das ramificações, e impõe refletir sobre a própria complexidade, onde, segundo Lyotard, o sensível e a intencionalidade, como parte do espaço emocional-figural, modifica o significado e revela uma verdade não esperada que se destaca no discurso.

A construção inteligente de modelos que permitam conceber a inteligibilidade da complexidade pode parecer um exagero para alunos do secundário sem práticas culturais que encaram a música como um passatempo social, mas vai ao encontro dos objetivos do Ministério da Educação que estabelece que, à saída do curso, “devem possuir uma preparação global e coerente, desde o gregoriano à época contemporânea”.

Desvendar os enigmas da complexidade na composição musical faz mudar por completo a forma como os alunos olham para as partituras que tocam, e contribui significativamente para o seu crescimento profissional. As obras que se estreiam neste concerto são uma excelente amostra de como estes alunos resolvem os problemas que levanta a ação-criação. Três alunos decidiram expressar-se num sistema não tonal mas todos se esforçaram em conseguir a coerência discursiva –significado, figuração, forma– e a emoção sensível –sentido, figural, sensação– enfrentando o desafio, muito marcante, de confrontar-se com o público e, especialmente, com os seus professores como intérpretes.

O contributo dos professores neste concerto é essencial para garantir a qualidade interpretativa e dar a este ato, e à instituição, a transcendência que merece. Obrigado a todos.

Rudesindo Soutelo
(Professor de ATC na AMFF)